

O computador chega à escola

Educação

EURIDES BRITO DA SILVA

Recentemente participamos de um Congresso de Educadores na Universidade de Antuérpia, na Bélgica, que teve como tema central "Sociedade, Educação e Tecnologia". Viu-se ali, que educadores de todo o mundo, como era de se esperar, independentemente do estágio de desenvolvimento de seus países, não querem que os sistemas educacionais fiquem à margem das inovações tecnológicas.

Nessa linha, vários pronunciamentos foram feitos, como os de Boulos, do Egito, Kerawalla, da Índia, Huang, da China, e outros, enquanto várias experiências foram relatadas, versando sobre o uso do computador como material auxiliar do processo ensino-aprendizagem nas escolas primárias, secundárias e superiores.

Todo o rico material do Congresso veio confirmar estar correta a posição que adotamos em 1984, quando decidimos estabelecer um projeto de informática na rede pública do Distrito Federal, partindo da implantação de experiências-piloto que beneficiariam também escolas das cidades-satélites.

A introdução de inovações na educação não é tarefa fácil. Por isso, tomamos as cautelas necessárias, devidamente assessorados por especialistas de incontestável competência, considerando, principalmente, que o êxito do projeto dependeria da adesão de professores à idéia. Na ocasião, em memorável artigo, o professor Ediruald de Melo, da Universidade de Brasília, enfatizou que "é necessário per-



mitir o acesso dos alunos das escolas públicas à tecnologia do presente e do futuro; e, aos seus educadores, atualização imprescindível ao desempenho de seu importante e dinâmico papel" concluiu o ilustre professor, dizendo: "Ignorar o computador ou temê-lo sem o conhecer é insensatez. Desmistificá-lo é o primeiro passo para conquistá-lo. Sua conquista é uma exigência da sociedade brasileira".

Para agradável surpresa nossa, vários professores apresentaram-se espontaneamente, desejosos de participar do projeto experimental. Alguns já haviam até adquirido seus microcomputadores. De um deles, guardei o seguinte depoimento: "Eu acredito na informática como um meio auxiliar no processo ensino-aprendizagem e não como um fim da educação. Acho que a informática deve ser

usada não só para ajudar o aluno e aprender, mas também como recreação e lazer".

E muitos dos alunos já se sentiam interessados no uso da "maquininha". Um aluno de 2º grau de escola pública, que já tinha um computador em casa, disse: "O computador não diminui a criatividade das pessoas como querem muitos, pelo contrário, cada programa que a gente elabora é uma coisa nova que sempre puxa por outra e mais outra".

Quando da implantação do projeto-piloto em Brasília — e foi a primeira rede pública a fazê-lo —, como era de se esperar, muitas críticas surgiram. Algumas delas, aceitáveis, pois provinham de leigos na matéria. Outras, todavia, de pessoas inescrupulosas que, agindo de má-fé, procuravam desviar a atenção do público da Capital da Repú-

blica para apelos outros, que nada tinham a ver com a questão.

Apoiada por professores e estudantes beneficiados, a experiência prosseguiu, sem detrimento de outros projetos que, por sua natureza eminentemente social, deveriam e devem ser melhor contemplados pelos recursos públicos.

Hoje, algumas evidências já indicam que os educadores começam a reconhecer que não podem ignorar as inovações que podem facilitar o processo de aprendizagem ao mesmo tempo que permitem ao aluno estar em dia com as mudanças tecnológicas de seu tempo. Já começam a pensar como o professor Mello, quando destaca em seu artigo: "Considera-se a Revolução da Informática com o auxílio do computador com a mais importante mudança social ocorrida após a Revolução Industrial e como tal, não pode nem deve ser ignorada pelo setor Educação, sob pena de os sistemas educacionais, tradicionalmente lentos na adoção de inovações, ficarem à margem do progresso, de braços cruzados, "vendo a banda passar"

E bom lembrar que igualdade de oportunidades educacionais significa criar condições iguais de aprendizagem. E não é na rede pública onde estão matriculados os filhos dos segmentos mais pobres da sociedade brasileira?

Eurides Brito, professora da UnB e vice-presidente mundial do Conselho de Educação Comparada, é ex-Secretária de Educação e Cultura do Distrito Federal.